

## AS PIADAS QUE NÃO FAZEM SENTIDO

### JOKES THAT MAKE NO SENSE

Marília Fernanda Pereira de Freitas<sup>1</sup>

As interpretações literais de expressões figuradas. O filme que passa na cabeça, performando, materializando as palavras abstratas. O parco filtro social (frequentemente inexistente). A necessidade de se monitorar constantemente, para não soar agressivo, frio ou grosseiro. A ansiedade que não cabe em um corpo de 1,56m de altura, que impele a movimentos repetitivos, esquisitíssimos aos olhos da sociedade. A facilidade e rapidez em realizar trabalhos repetitivos. O submergir em certos temas práticos, específicos e variados. A incompreensão de certos sentimentos alheios. Os risos fora de contexto. As deduções pretensamente óbvias e as soluções muito idiossincráticas para problemas empíricos. A dificuldade em transpor nas palavras o real (as palavras nunca parecem fiéis o suficiente). Os seres humanos que são sempre tão estranhos, complicam tudo exageradamente. Já os bichos, não abrigam dissimulação, são desambiguados, práticos, infinitamente melhores que nós (injustamente, cães são tidos como os melhores amigos. Particularmente, acho que os gatos é que são: não perturbam, são independentes emocionalmente, só nos procuram para pedir comida ou proteção). Os barulhos insuportáveis que ninguém nota (o som que os pássaros ou insetos fazem, ao baterem as asas é pavoroso). Os cheiros diferentes que ninguém sente. A visão aguçada daquilo que ninguém percebe. A restrição ao toque, à aproximação. As texturas irritantes, inconsumíveis.

Achei que era assim para muitos. Achei mesmo que esses seriam traços comportamentais de humanos neurotípicos. Até meu filho nascer. Com cerca de sete meses, ele formava padrões espelhados com peças de brinquedos, tampinhas, outros objetos, compondo mosaicos simétricos. Com 11 meses, ensinado pelo pai, aprendeu a reconhecer todas as letras do alfabeto. Já era leitor fluente com quatro e passou a escrever sistematicamente com cinco, quando foi diagnosticado dentro do espectro autista. A partir dos seis, passou a ser consumidor fiel de quadrinhos, depois vieram os livros, as séries de livros e, hoje, com onze, está lendo Stephen King. Sempre foi um aluno exemplar. Tudo isso parece glamoroso, mas não é. Não dá para romantizar o autismo. Para meu filho (muitas vezes, também para mim), a mudança é desafiadora (frequentemente, repressiva): coisas simples, como mudar um móvel de lugar, já fizeram ele chorar ininterruptamente por uma tarde inteira. Uma vez, ao voltar de um centro de diversões desses de shopping, em que há máquinas que recompensam os acertos das crianças com tickets, meu filho disse algo como: “Sei lá, mãe, por que eles mudaram esses tickets? Isso é como se tivesse me oprimindo”. Uma mudança imperceptível para muitos. Para ele, um desafio diário.

Meu filho faz movimentos repetitivos, o que chamam de estereotípias, movendo os braços, andando de um lado para o outro, comprimindo os lábios. Ele tem ausências, parece “desligar” do mundo (o que chamam de hiperfoco), em certas ocasiões, geralmente quando está pensando em um tema que o interessa. As pessoas não se aproximam dele, tendem a achar estranho seu comportamento. Outro dia, meu filho teve uma crise no colégio, em que ficou realmente transtornado, se irritou com colegas de classe, se desorganizou e

---

<sup>1</sup> Graduou-se em Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa (2005) e Inglesa (2007) pela Universidade Federal do Pará. Concluiu o curso de Mestrado em Letras - Estudos Linguísticos - no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição (2008). Foi contemplada com bolsa CAPES, Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), vigente de setembro/2015 a abril 2016, atuando como research scholar na University of Texas at Austin (UT-Austin). Concluiu o Curso de Doutorado em Letras (2017), também na UFPA. É professora efetiva da Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Letras, desde 2011. É coordenadora do Curso de Letras/ Português do Parfor/ UFPA (2017-atual). E-mail: mfpf@ufpa.br

descontrolou, tentou invadir a guarita do porteiro para desbloquear o portão, depois teve a ideia de pular o muro da escola (felizmente, não conseguiu). No dia seguinte, quando aquele sentimento já tinha ido embora, meu filho disse algo como: “É, mãe, destruí minha vida social esse ano e em todos os outros anos em que eu ficar na escola”. Comprovando empiricamente essa tese, na semana seguinte, quando voltou para a escola (depois de ter sido “convidado” a ficar no ensino remoto por quase uma semana. Devo dizer que, depois disso, a escola soube lidar satisfatoriamente com a situação, por ter profissionais competentes e capacitados), passamos em frente à padaria, a caminho da escola, e um colega da turma dele, sentado na mesa da padaria com os pais, olhou para meu filho, depois falou baixinho no ouvido da mãe, que falou baixinho com o pai e, não mais que de repente, uma mesa cheia de estranhos voltou seus seis olhos para nós. Sei que meu filho percebeu. Escolhemos ignorar (a vontade era de chegar naquela mesa, derrubar sobre aquelas pessoas tudo o que estivesse ali e não dizer palavras gentis, mas esse não é o tipo de exemplo que quero dar para meu filho). O pior de tudo, acho, é essa consciência da exclusão. Meu filho não tem amigos. Felizmente, embora ainda não tenha amigos, ajuda o fato de ele ser extremamente inteligente. Um outro dia, chegou dizendo não ter visto sentido no fato de a turma inteira tê-lo aplaudido, quando ele corrigiu o professor de matemática, na resolução de um exercício em sala. Obviamente, me enchi de orgulho. Já meu filho, acha que não fez nada demais.

Como mãe de autista, percebo a repetição de um padrão bastante familiar. Eu entendo o sentir dele, que se confunde e se identifica com muito de mim. Inevitável relacionar a experiência do meu filho com meu passado. Em alguns aspectos, minha infância foi parecida com a dele. Da primeira à quarta série do Ensino Fundamental (hoje, atuais segundo e quinto anos), eu escolhia sentar em uma mesa separada, enquanto as outras crianças sentavam naquelas mesas coletivas. Não conseguia me aproximar dos colegas. Eu tinha vergonha, me sentia absolutamente deslocada. Eu percebia que todos me achavam estranha. Por sorte (talvez por pena), durante a terceira e quarta séries, duas meninas da sala se tornaram minhas amigas. Eu mais ouvia do que falava. Os temas delas eram desinteressantes, eu não me identificava em nada com aquele universo. Depois, no período de quinta à oitava série (atuais sexto e nono anos), um grupo de nerds me acolheu, nem sei o porquê. Os temas deles continuavam indiferentes para mim. Diferentemente do meu filho, que é um aluno brilhante, eu era uma aluna bem medíocre e apagada. Pela maneira como eram tratadas na escola, apenas algumas matérias faziam sentido, àquela época, no meu ponto de vista: artes, matemática, português, às vezes, ciências. Hoje sei da relevância de todas.

Na Universidade foi um pouco diferente. Eu escolhi a aleatoriedade. Escolhi ficar cada dia em uma carteira diferente, ter várias perspectivas diferentes de um mesmo ambiente. Muitos grupos, muitos jeitos, muitas qualidades extraordinárias, muitos defeitos intragáveis. Muito tudo nada parecido comigo. Foram poucos os que permaneceram na minha vida dessa época. Mas eu tinha a linguística, ela me entendia, eu a compreendia e não conseguia entender por que alguns colegas de classe a detestavam tanto. Quando me refiro a essa ciência, especifico aqui minha atração fatal e escrachada preferência pela parte segmental das línguas, pelo que é analisável com recorrências, com seleção de partes segmentáveis ou não, comparação, identificação de padrões. Tenho profundo respeito e imensurável admiração por aqueles que amam a parte mais poética da literatura e que conseguem compreender suas entrelinhas (que sempre me pareceram indecifráveis, impossíveis), mas minha praia é a linguística descritiva: essa eu alcanço, é palpável para mim. No meio acadêmico, mais tarde, encontrei amigos, não muitos, que me acolheram, que me entendem e aprenderam a conviver com minhas particularidades.

Voltando às piadas aludidas no título desta crônica, é difícil lembrar de uma para ilustrar o que acontece frequentemente comigo. Às vezes, por uma interpretação “matemática” do que se diz, muitas coisas não fazem o menor sentido no contexto em que são

ditas. Se sou autista? Isso apenas um especialista poderia responder. Nunca fui diagnosticada. Tenho andado mais focada em investir meu tempo e economias para dar ao meu filho todo o amparo possível, para que ele possa ter a vida mais plena que estiver ao nosso alcance. Ademais, agradeço à minha ansiedade, que não me permitiu esperar sequer cinco minutos para começar a escrever este texto; e ao meu hiperfoco (aliás, ele merecia dedicatória em todos os meus trabalhos acadêmicos), que me possibilitou terminar estas linhas em quarenta e três minutos. Brincadeiras à parte, dedico esta crônica àqueles que ainda não se sentem parte de seus contextos, que ainda se percebem deslocados e incompreendidos, apenas por serem o que são inscritos em uma sociedade que ainda não está preparada para acolhê-los.

**Data de submissão:** 09.03.2022

**Data de aprovação:** 24.08.2022